

A MULHER MAIS ODIADA DOS EUA (2017): UMA ANÁLISE SOBRE GÊNERO, DIREITO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA OBRA.

Ana Caroline Oliveira da Silva¹

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar aspectos das relações de gênero, política, direito e intolerância religiosa contidas no filme *A mulher mais odiada dos EUA (2017)*, e como esses aspectos estão associados neste drama baseado em fatos reais, que conta com a direção e roteiro de Tommy O'Haver e da também roteirista Irene Turner, produção de Elizabeth Bank, Laura Rister, Brownstone Productions e Distribuição da plataforma de streaming Netflix.

O filme expõe o drama vivido por Madalyn Murray O'Hair, uma ateísta que se torna famosa e conseqüentemente uma das mulheres mais odiadas dos EUA, após o episódio em que vê seu filho também ateu ser obrigado a fazer orações na escola e com isso ficou conhecida pela mídia como “a mulher mais odiada dos EUA”, por se mostrar contrária à religião nas escolas, enfrentando o ódio da sociedade que se mostra intolerante ao aceitar posicionamentos religiosos e a liberdade de expressão de cada um, principalmente quando estes posicionamentos aparecem vinculados a uma mulher.

2 A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA COMO UM ATO POLÍTICO E SOCIAL

A mulher mais odiada dos EUA é um filme que relata a história real da personagem principal chamada Madalyn Murray O'Hair, uma mulher além do seu tempo, que enfrenta sanções por isso da sociedade dos anos 60. Madalyn Murray O'Hair, é uma mulher branca diferente e fora dos padrões sociais para aquela época, enfrenta o pai, não é uma mulher submissa, é uma advogada que virou assistente social, ativista, sem marido e mãe solo de dois filhos. Logo, esses aspectos de gênero automaticamente excluem a mulher da sociedade pelo fato da mesma não fazer parte e nem se preocupar com os papéis sociais construídos

¹ Bacharela do Curso Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), integrante do Grupo de Pesquisa Direito e Sexualidades (UFBA) e NUCUS – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (UFBA). Atualmente aluna especial de mestrado do Pós Afro- CEAO (UFBA). E-mail: anacarolineos53@gmail.com

socialmente para ela, pelo contrário, a personagem tenta a todo tempo quebrar esses padrões com seus posicionamentos políticos lutando pelos ideais nos quais acreditava.

Historicamente, a religião e, principalmente, a Igreja Católica sempre foi uma ferramenta de controle social que media e controlava as condutas de caráter e decisões de seus seguidores religiosos. E com isso, essa doutrinação refletia-se em questões políticas como no período do Absolutismo, Feudalismo, a Inquisição com a queima as bruxas. Portanto, através de tais marcos históricos citados, é possível observar a religião como uma rede de apoio de um sistema de controle social, que não por acaso induz ao que é certo e errado, ignorando a liberdade de expressão e condenando algum ato que seja considerado de rebeldia e de desmoralização estabelecida nesta conduta religiosa, o que comumente chamamos de intolerância religiosa.

A Constituição Federal de 1988, no Artigo 5º garante a liberdade de consciência, e também liberdade de expressão religiosa, como o direito de não se sentir pertencente a uma religião, como é o caso dos ateus que não acreditam em Deus e também exibem condutas e convicções baseados neste pensamento. Além disso, o Estado passa a ser Laico no Brasil com a Constituição de 1891, que promove o direito a liberdade religiosa no país, independente de qual religião pertença ou não, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948, o Brasil passa a ter esse direito promulgado a partir deste momento.

Em *A Mulher mais odiada dos EUA*, a personagem Madalyn Murray O'Hair luta justamente por liberdade de expressão religiosa, já que o Texas, local onde é desenvolvida a trama, é um lugar extremamente intolerante e, com isso, como advogada, ativista e conhecedora das leis, leva esta demanda para a Suprema Corte dos Estados Unidos da América pois, nenhum indivíduo é obrigado por lei a seguir uma determinada religião.

O ateísmo é uma convicção filosófica que merece o mesmo respeito, acreditar ou não em Deus parte de uma premissa não controlável e muito menos receber retaliações sociais do Estado por acreditar e pertencer a essa linha de pensamento e conduta.

Outra questão retratada na temática do filme é a religião na Escola, e o papel de desrespeito que o sistema educacional e conservador usam a religião, como por exemplo, impondo aos alunos a fazerem orações em salas de aula, assim, ferindo a conduta de outras religiões e principalmente a particularidade de cada aluno em seu livre arbítrio religioso, utilizando a religião como desculpa para opressões de condutas e ideais políticos.

De acordo com a Lei De Diretrizes e Bases (LDB), no Brasil através do Congresso Nacional do Acordo Brasil-Santa Sé, assinado pelo Executivo em novembro de 2008, o artigo 11 diz:

A República Federativa do Brasil, em observância ao direito de liberdade religiosa, da diversidade cultural e da pluralidade confessional do País, respeita a importância do ensino religioso em vista da formação integral da pessoa. §1º. O ensino religioso, católico e de outras confissões religiosas, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, em conformidade com a Constituição e as outras leis vigentes, sem qualquer forma de discriminação.

Ou seja, colocando o ensino religioso como optativo nas escolas públicas, e respeitando assim o direito a religião de cada estudante, e ao Estado Laico ao qual pertencemos.

No entanto, com as práticas de retrocessos aplicadas no país com o atual presidente Jair Bolsonaro eleito em 2019 no Brasil, ameaça cada vez mais o Estado Laico tanto no que tange a educação com o Artigo 11 da LDB, que expressa a liberdade religiosa nas salas de aula e o ensino religioso como optativo quanto, no Artigo 5º de 1988 da Constituição Federal, que por lei assegura a liberdade de consciência religiosa, a fim de que política e religião não sejam homogêneas dentro de um contexto estatal como prática política e de controle social. Desta maneira, falas absurdas e sem sentido algum do atual presidente acaba conduzindo o Brasil a um viés comparado a um Estado Confessional preocupante e controverso a liberdade do Estado Laico que preza a diversidade religiosa e cultural.

Visto que, o presidente Jair Bolsonaro proporciona um clima de desconforto e fere em muitos momentos a diversidade religiosa com discursos de ódio a outras práticas religiosas diferentes das quais acredita, criando um clima de tensões sociais, desrespeito e opressão que nos preocupa até quando esse sistema vinculado ao Estado Laico continuará existindo. O que também se associa a temática do filme *A Mulher mais odiada dos EUA*, em qual a sociedade conduz com mãos de ferro e utilizam a religião para punir e fazer justiça com as próprias mãos onde o ódio e a intolerância religiosa ganham protagonismo, e a religião como justificativa de códigos de condutas errôneas e de jurisprudência.

A personagem Madalyn Murray O'Hair, é sequestrada junto com seu filho e sua neta, ambos são mantidos em cárcere privado, sofrem extorsões e por último a família é morta pelos sequestradores. De uma forma forte e dramática o filme mostra como a justiça se omite com relação ao sequestro por sua fama de ateu e também por ser uma mulher odiada socialmente, mostrando como a religião influencia no senso de justiça, como culturalmente aconteceu no catolicismo que por muito tempo ocupou na história mundial um papel central

na política da “justiça dos homens”, assim deixando explícito na obra como a falta de respeito à diversidade cultural e religiosa promove o ódio e violam vidas só pelo fato de exibirem um pensamento religioso que foge da lógica cultural implantada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Mulher mais odiada dos EUA, por se tratar de uma obra baseada em fatos reais conduz seu roteiro norteado sobre as dificuldades em ser uma mulher fora dos padrões sociais nos anos 60, trazendo aspectos como machismo, injustiça, ódio, intolerância religiosa, descaso das leis e principalmente como a religião “cega seus fiéis”, e conseqüentemente suas condutas até mesmo criminosas.

REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. **A Mulher Mais Odiada dos Estados Unidos (2017)**. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-246210/creditos/> Acesso em: 12 dez. de 19.

BETTO, Frei. **“Estado confessional”**; Correio da Cidadania. Disponível em: <https://www.correiodacidade.com.br/2-uncategorised/13599-estado-confessional> Acesso em 07 jun. de 2020.

CINEPLAYERS. **A Mulher Mais Odiada dos Estados Unidos (2017)**. Disponível em: <https://cineplayers.com/filmes/a-mulher-mais-odiada-dos-estados-unidos>. Acesso em 12 dez. de 2019.

GESTÃO ESCOLAR. **As leis brasileiras e o ensino religioso na escola pública**. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/728/as-leis-brasileiras-e-o-ensino-religioso-na-escola-publica>. Acesso em 12 dez. de 2019

MARMENTINI, Gabriel. **Artigo Quinto**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/artigo-5/liberdade-religiosa/> Acesso em : 12 dez. de 2019.

PORFÍRIO, Francisco. **"Estado laico"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/estado-laico.htm>. Acesso em 07 jun. de 2020.